

B

N.º 132.564

R.º

MYSTERIOS DE COIMBRA

124-

ROMANCE

OFFERECIDO ÀS CLASSES OPERARIAS

POR

UM ARTISTA



Manuel Thomaz e A. Barros.
COIMBRA

IMPRESA LITERARIA

1861

-1863-

2/12

P. 197

Filipe de S. João

EVORA TEL. 2150



COIMBRA

IMPRESSA LITHEGRAFICA

1881

MYSTERIOS DE COIMBRA

FILIPPE DOS SANTOS
ÉVORA

B

132.564

124

ROMANCE

OFFERECIDO ÀS CLASSES OPERARIAS

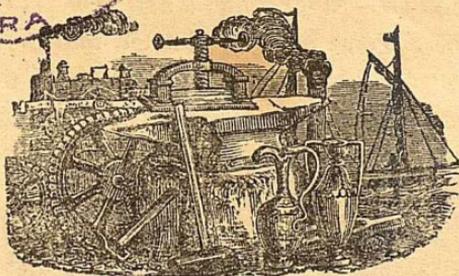
POR

UM ARTISTA



- 5. MAR. 1979

OFERTA



COIMBRA

IMPRESA LITERARIA

1861

C. - 46

REPUBLIC OF CHINA

MINISTRY OF FINANCE

REVENUE DEPARTMENT

INVOICE



REVENUE DEPARTMENT

MYSTERIOS DE COIMBRA

INTRODUÇÃO

O escrever, hoje não é pouco facil;—na época das luzes, na época em que de toda a parte surge a sciencia, a litteratura, e se desenvolvem os mais bellos e raros engenhos. Que valerá a minha humilde obra, em vista da litteratura, que abunda pelo paiz? Nada, ou quasi nada.

Apesar de tudo isso, o livro conhece-se pelo principio. Sem um nome bom a quem o dedicassemos, foi-nos dado por condição humilde offerêcel-o ás classes operarias, ás quaes nós honramos de pertencer.

Que é o romance? Eis abi uma pergunta, que não será difficil ao leitor adivinhar. É um pincel d'amores, de sonhos, e de namorados! É o entretenimento da leitora nas horas de melancholica paixão! E ainda mais talvez;—é a poesia! são as flores! — Não será isto leitoras? É a vós

que mais pertencem os livros d'este genero, e por consequencia a quem cumpre contestar o que dissémos.

O romance, pobre e humilde, — como o sitio humilde e pobre, que o vegetou, — não será avaliado, nem sequer terá um applauso, pois não nasceu viçoso, como a rosa, mas coroadado d'espinhos. — Já não bastava as poucas horas, que podiamos consagrar na sua composição, e a nossa fraca e apoucada intelligencia para embellezar a escripta: era necessario que a uma difficuldade se juntasse outra difficuldade. Adevinhaes qual ella é? Sim, a coadjuvação do publico, sem a qual não poderia haver litteratura.

Esqueçamos todavia isso; e passemos á materia, para que se inclinou a nossa penña e idéas.

O enredo do livro foi passado entre Coimbra, na tão desejada terra d'Ignez de Castro; na terra onde se applicaram os vultos mais venerandos do paiz: terra de trovas, onde se olha o poetico Mondego, coberto de salgueiros! onde se avistam os mais historicos monumentos! onde se contempla o mais bello e fertilissimo clima! onde tudo sorri, onde tudo é poesia e flores! Querem-a mais terna! mais saudosa! mais encantadora!... Não; não póde ser. Que o digam as lyras sonoras, que outr'ora vibraram aqui seus melodiosos cantos.

Hoje, com o rodar do tempo, já tudo está passado; e parece que esqueceram-se até as suas mais gloriosas tradições. Como se costuma dizer — *tudo lá tem sua época*. Houve tempo que Coimbra presenciou as scenas mais tragicas da vida; e ficaram n'ella encubertas algumas que encheriam livros volumosos. Hoje não ha aqui amores desconhecidos, nem se executam aquellas scenas, para que tanto contribuiu a velha academia.

Incompetentes, porém, para descrever essas scenas ro-

manticas, sentiamos por vezes arrebatções na impensada empreza que tentámos. Todavia nunca a fé da desculpa nos altou: a obra costuma ser avaliada pelo merito do auctor.

Deixemos, pois, essas considerações, menos agradaveis para quem lêr o livro. Os leitores soffrer-me-iam, mas as impacientes leitoras, que só buscam abrigo no espirito jocoso, no espirito que patentea á luz de corações infantís o que é um sorriso doce expandido nas horas apaixonadas do amor!

Desculpae-me leitores e interessantes leitoras: como a velhice quasi não lê romances, o romancista não deverá dar aos leitores da sua chronica, o que só cabe em espiritos já fanados pelos annos

A mariposa divaga pelas flores.

Como o coração doudeja d'amores.

É a mulher o assumpto principal de quasi todos os romances. O escriptor descobre-lhe no coração, ora um extremo sentimento e viveza d'alma, ora a espuma da sua raiva impotente, e a paixão irada, que a domina.

A mulher candida, é uma Dryade e a deidade mais gentil que acalma os corações. A impudica, é o ente que desobstrue o alicerce, feito por mãos mais que humanas: os raios de puro amor, apenas lhe lampejam nas faces, que á primeira vista parecem córar, mas que depois deixam perceber o rubor aparente que as envolve.

A mulher conterà no espirito muitos dotes e virtudes; o que é porém certo, é que quasi nunca as firma com o sinete da gratidão. E ha quem das mulheres não exceptue uma só: a idéas tão arrojadas não avançamos nós.

Penso que ainda haverá corações ingenuos, que o ve-

nenho reptil, com que costumam engodar aos inexperientes, ainda não se enraizou pelas medúlas de todos os corpos femininos.

A *mulher*, tomada na acepção da palavra, é a poesia, é o romance! Ella é quem tantas vezes arrebatada a alma e o genio do escriptor, e n'essas ablações lhe inspira os mais bellos e sublimes pensamentos! Deixae um dia de amar, e vereis que a mente ha de esfriar-vos. O coração da mulher é como o pincel, pintando a natureza: quem ama as aves, as flores, ama esse ente formoso e querido.

Deixae-nos todavia dizer, que o elogio á mulher, reproduz-lhe uma vaidade sem limites; deveramos sempre segredar-lhe no mais extremo do sentimento, o que seu coração nos inspira.

Algumas ha, que se perdem no caprichoso da imaginação, em que pretendem ostentar-se, — e com isso vae a perca da poesia: na mulher orgulhosa não ha encantos que se admirem, nem belleza que innunde de paixão a alma; é como um ente nullo: não sente, nem faz sentir.

A mulher, digamol-o tambem francamente — é o ente d'acerbas objurgações, e o homem muitas vezes injusto para com ella: na dôr, no soffrimento, constitue acrisolado amor, sentimento e dedicação.

Não concordamos em algumas das virtudes apregoadas pelos apologistas d'este sexo; mas — candida, altiva, ou orgulhosa — a sua idealidade, o seu sorrir, as suas maneiras, subjagam o homem, ainda o mais partidario de seus contrarios: prende-o, como por encanto.

Desculpae-me leitoras, se alguma expressão menos benevola o escriptor fez escorregar da penna, que ás vezes fria, escreve o que não sente; — mas n'este caso não engulis até ás fezes o calix d'amargura, que o romancista como

o leitor, deverão desculpar qualquer fraqueza do sexo encantador, que embriaga a todos os corações.

.....
A phrase não popular é linguagem muda para muitos: para aquelles que não avultam na carreira litteraria, para aquelles a quem instrucção fertilisara pouco o espirito. A simplicidade não, quando a grammatica e a amenidade d'estylo se conjugam.

Não sabemos se a nossa producção conterà esses dotes; se ella não suavisa a mente, como o perfume, como o matiz das flores. E não suavizará não, o leitor menos compassivo, que, com a mira n'algum bom achado, descreê logo, aos primeiros olhares, das idéas do pobre do romancista.

Embora: a esses não terá elle desculpas que pedir, convencido de que o seu humilde escripto não monotonsou o leitor *sui generis*.

E aqui findamos a introduccão, esperando que a benevolencia dos leitores acolherá a nossa primeira obra, como vinda de quem é.



Era pelo fim do mez d'Abril, — n'uma d'essas tão risonhas e apetecidas manhãs da primavera, em que o sol abre para nos dar conforto e alegria, e para seccar o torrão, ainda molhado pelo invernoso outono—Ernesto Pinto Rodrigues trotava sobre um cavallo, d'uma das provincias da Beira-Baixa em direcção a Coimbra.

O leitor de facto não tem conhecimento d'este personagem, que o livro acaba de citar? Tenha, ou não, irá conhecê-lo pelo romance;—é nelle que se depõe todo o enredo. Pois bem; descrevemos primeiro a sua biographia, a qual os leitores não dosgostarão tambem de conhecer.

Ernesto era um joven e sympathico beirense; nascido entre esse povo, inda acanhado no progresso e civilisação da época, o mancebo parecia recusar-se a proseguir na carreira em que seus paes desde a infancia deveriam ter sido educados.

A fortuna, que elles com tanto trabalho haviam adquirido, viria talvez a ser um futuro lindo e bonançoso para este famoso heroe.

Ernesto Rodrigues contaria naquella época 16 annos. Possuia apenas uma educação popular, das que se cultivam em uma terra, como as da Beira-Baixa. Dissemos que Ernesto Pinto Rodrigues, de quem já descrevemos a bio-

graphia ao leitor, dirigia-se a Coimbra. Qual seria o seu futuro destino? Era na Universidade, que elle viria consagrar longos e longos dias, semanas e mezes d'estudo? Ernesto viera dirigido a uma das mais soffríveis casas das familias conimbricenses.

Havia decorrido algum tempo. Ernesto, ao que parece, impozera a si a missão de naturalizar-se entre a terra que principiára a dar-lhe vida e animação; e, legalmente habilitado, ia cursar a faculdade de direito.

Ernesto apresentava-se agora muito sympatico; já no seio da academia, que no futuro se ufanaria em possuil-o, já entre a sociedade, com que convivia nas horas livres do estudo.

Não era só a sympathia, que fazia brilhar-lhe a alma; reunia a isso a caridade e o sentimento para com aquelles infelizes, a quem a sorte adversa faz atormentar o coração.



II

Estava-se no mez de Maio. Na tarde d'um dia d'esses, em que o sol, radiante e bello, fulgurava sobre a terra, Ernesto Pinto Rodrigues caminhava na ponte do Mondego, em direcção á *Fonte das Lagrimas*. Só, tão só, seguia o seu destino. Aquelle corpo airoso, aquelles olhos tão vivazes, aquellas faces, tão cheias de mimo e graça, surprenderiam a mais feiticeira donzella: E acharia-se já envolvido na paixão ardente do amor? Até alli, ninguem ainda sabia d'amores do joven, nem que olhos fascinadores o tivessem a si attrahido.

Verdade é que o nome de Ernesto estava sempre a ser proferido entre as damas; e de bôca em bôca, não havia já uma só que o desconhecesse.

Ernesto Pinto, como ha pouco referimos, encaminhava-se tão só pela ponte do Mondego. A passos lentos seguia elle, cabisbaixo e pensativo.

Guilherme Henrique de Sousa era, d'entre os condiscipulos na academia, o seu mais intimo amigo; — e a amizade léal e fraterna estava tam bem concebida n'aquelles dous corações, que deram por vezes sobejas provas da confraternidade que tão nobremente os ligava.

Suscitara alguns murmurios ver ir só o bom do beirão, que andava em quasi todos os passos ligado ao seu compa-

nheiro;— essa estranheza porém, em um momento se desfez, como um sonho, como uma illusão perdida.

Ernesto, que até ahi viera com os olhos fitos sobre o chão, como que meditando, acabava d'espraiar a vista na extensão da Ponte. Descobriria pelas costas o passeante seu desejado, que pouco mais adiante do chamado Ó, caminhava tão devagar como elle.

Não padecia duvida: logo ao primeiro fixar d'olhos ficara desenganado de que o talhe d'aquelle corpo, que na distancia de vinte metros descobrira, era o mesmo que conhecia em Guilherme.

A marcha lenta que o acompanhara, convertera-se em passos agigantados, que em poucos momentos os conglutinava.

Guilherme ficára mais que surprehendido com a machinal presença de Ernesto, e encarando-o com vivacidade, proferia:

— Ver-vos a estas horas, e por aqui!..

— Não me permittis—redarguiu o segundo — que busque abrigo em um lugar, onde livre respire o ar puro da brisa, e apague a ardente calma, que me abraza.

— Referia-me á vossa pessoa — interrompeu o primeiro — sem reflectir em semelhante posição.

— Qual o vosso destino?

— Nem eu o sei. Levaria meu corpo, para onde os passos o guiassem. E vós?

— Dirigia-me para a *Fonte das Lagrimas*.

— O sitio é bello, é fresco, é agradável... se presistis no vosso intento, acompanhar-vos-hei.

E dizendo isto, os dous seguiram lentamente, como ao principio, o seu destino.

Batiam cinco horas e meia, e o sol, já mais brando e

quebrado, deixava de suffocar os corações humanos; mas apesar disso, os dous academicos não se fallaram em toda a extensão do caminho.

Tinham chegado pouco depois ao sitio que tanto sobressae pela fresquidão e poesia que o rodeia. Ernesto apoiara-se em um dos bancos de pedra, que alli existem, em quanto seu companheiro, mais desperto que elle, examinava as arvores bellas e crescentes, que adornam tao bello sitio.

Ernesto podia dizer-se litteralmente só; — sustinha a cabeça, reclinando-a sobre uma penha, que junto lhe ficava; e como que dormitando, parecia estar vendo cousas admiraveis e ficticias.

Era um sonho como infindo. No principio d'elle, começára por ver um vasto jardim, onde flores as mais alegres e viçosas estavam a ser colhidas por mãos delicadas e flexiveis. Ia olhando proporcionalmente representadas tão ficticias idéas, e sem dar ao corpo um leve movimento, ou o menor rugido fazel-o mudar de posição, continuave no seu sonho aério, mas formoso.

Víra seguidamente dous rostos virgínaes aproximarem-se junto de si. Cada passo, que davam, um sorriso prazenteiro lhe vinha coroar a fronte; e o coração palpitando ansioso, annunciava-lhe um quê d'alegre; de divinal, de magestoso.

O passo das virgens encantadoras apressava-se; e ellas — frescas e alvas, como a agua da fonte; vermelhas, como a nuvem da manhã; serenas como a virgindade; vivazes e novas, como as primeiras plantas da primavera, que em sua pressa de viver rompem as derradeiras neves — vinham embriagar a alma fria e adormecida de Ernesto Rodrigues.

Chegavam finalmente a junto d'elle os entes femininos,

que, sem requebro da sua dignidade, o cortejaram alegre e respeitosa. As bellas e ideias creaturas ficaram mirando-o, e elle do mesmo modo as mirava; os dois rostos eram tão estranhos a Ernesto, como este o era d'elles. Ao demais não sabia como estivesse n'um jardim, onde nunca tinha entrado, nem sequer visto.

Então as feminis creaturas resolveram perguntar o mancebo, que mudo e como preso, se entreinha em fixar com a vista aquellas divindades, ou antes creaturas mais que humanas, senão imaginarias, dizemos nós.

— Quem, ou que vos trouxe aqui — perguntou a mais desdenhosa, que á força soltára d'entre labios coraliños um sorriso terno e encantador, dos que nos levam o corpo e prendem a alma.

Ernesto quasi suffocado, deixára passar momentos sem responder á sua interlocutora.

— Porque não dignaes responder-nos? — replicaram ambas a um tempo.

Fizera então um esforço supremo; e com uns olhares fugitivos, redarguia:

— Não sei que dizer-vos... acho-me aqui, sem pouco saber quem, ou que me trouxe....

Era para elle triste a sua posição; e mais que isso, estava envergonhado e irresoluto, como se não pudesse sentir os doces enlevos e aquellas fallas meigas que lhe deviam de sorrir na alma.

Como então! — exclamou uma das divindades, sorrindo-se ligeiramente. — Estaes comprimido com a nossa presença?... Não vos alegam os folguedos!.. não vos encanta o trinar das aves!.. não vos sorriem essas florinhas que por ahí alastram o chão! Alegrai-vos, e vinde ajudar-nos a colhel-as, que onde ha mulheres não póde haver soffrimento.

— Perdão! perdão! — replicou Ernesto, sentindo mover, como por encanto, os musculos — era a minha modestia.

— Pois bem; — continuou a virginal creatura — a vossa modestia deve acabar.

Depois d'essas fallas meigas e consoladoras, Ernesto retomara a alegria, que tinha perdido; e tão rapida fôra a sua transformação, que fizera admirar esses entes magicos, que até alli o viram em estado tão languescente.

E apertando-lhe uma das mãos, conduziam-n'o a junto d'um tanque, onde com as suas nivas, mimosas e flexiveis, estavam antes colhendo ramilhetes de flores, que rescendiam perfumes, por que o orvalho da manhã pousado sobre suas petalas, dava-lhe brilho e frescôr.

Tudo isto eram effeitos do sonho de Ernesto, que por mais de meia hora não fôra interrompido nas delicias que imaginára estar gosando.

O que depois se seguisse devia de ser o mais bello e encantador, se uns passos leves, sem duvida passos de mulher, não viessem prescrutar-lhe as suas dilicias. Acordára cheio de estremecimento, — mas os olhos, pesados de languidez, em um momento se transfiguraram.

Depois de haver revocado ao seu estado natural, qual foi, pois, a sua admiração, vendo dous angelicos rostos, talvez tão gentis e bellos, como os que poucos antes roubára á imaginação. Acreditou que fosse ainda a continuação d'esse sonho, a que a somnolencia o levára; mas sobreviera-lhe breve o desengano.

Os novos e verdadeiros rostos não eram desconhecidos a Ernesto. O primeiro, que descobrira, era um rosto oval, cheio de graça, de mimo, de poesia!... O segundo, era alvo e engraçado, mas com o carmim dos labios quasi ressequido, e as maçãs do rosto abatidas.

Era Julia Candida Albertina Monteiro, e sua mãe, Marianna Paes Monteiro. Assomára-lhe ás faces uma leve vermelhidão, mas passado o primeiro impeto, sentia apenas pousado sobre o rosto um rubor natural.

Marianna ao aproximar-se, sorria graciosamente, murmurando :

— Sr. Ernesto: ha quatro dias que não vos vejo — desde aquella ultima vez, em que dignasteis visitar-nos.

— É verdade! — atalhou Julia, mostrando no semblante uma graça viril—o sr. Ernesto tam poucas vezes nos vizita.

— Como vós tendes razão ! — retorquiu elle, descolando dos labios um brando sorriso — o esquecimento faz commeter-nos tantas faltas !... e talvez por elle commettesse a de que acabaes d'accusar-me.

Marianna de Sousa tinha-se sentado defronte de Guilherme, em quanto que Ernesto e Julia, ambos jovens e quasi da mesma idade, se occupavam em voltar as margens do fresco tanque.

Ernesto só via de si dissipadas as odoríferas flôres, que os dous rostos ideiaes o haviam convidado a colher. Agora vicejava para elle uma flôr, tambem mimosa e recreativa, mas d'as que mãos nenhúmas arrancam.

Guilherme de Sousa estava lendo e admirando em Marianna os ultimos restos de graça e poesia, que ainda se lhe descobriam depois de vinte e sete primaveras contadas.

A mulher, que para Ernesto fôra até aqui um ente como nullo, sorria-lhe agora como um paraizo, d'onde pensava em poder colher e saborear depois, os bellos fructos do Creador.

Julio e Ernesto haviam regressado a final do seu pequeno passeio, em volta do lugar poetico d'Ignez de Castro.

Guilherme mirava tambem muito essa viçosa bonina ;

e contemplava attento todos os gestos e ademanos d'um corpo tão airoso.

— Minha ma-mã ! — interrogou a gentil creatura — Foi neste tanque que mataram aquella santa Ignez de Castro ?

— Não menina — interrompeu Guilherme.

— Mas eu já li... — continuou Julia, dirigindo-se ao mancebo.

— É um invento, uma ficção apenas. Aqui só estão em memoria os enlevos d'Ignez de Castro ; e esta corrente, a portadora fiel de suas transmissões amorosas.

No borbulhar da festa todos gozavam, todos sorriam e se contemplavam. Nada mais justo : corações risonhos, almas francas alli se achavam reunidos; — e cada sorriso d'aquelles reconsideraria um requebro gentil.

Passados momentos Guilherme dizia abaxinho ao seu condiscipulo — « Ainda vos demoraes muito ? » — Á pergunta nem sabia elle que respondesse, como a um enyigma indecifrável.

O fragil sexo é que, acostumado a ler nas faces, como no coração, d'os que o adoram, não deixaram tambem d'esta vez de adivinhar o instincto que os movia.

Marianna de Sousa levantara-se pouco depois: era o primeiro signal da sua retirada, que ambos acolheram com alegria. Aquelle leve aceno, Julia correspondera; e a dama, murmurando com um semblante fascinador estas palavras, só esperava a justa decisão dos mancebos:

— Se nos quereis acompanhar...

— Teremos nisso muito prazer — responderam ambos.

O sol ia a pouco e pouco escondendo-se por detraz dos montes, deixando-lhe brilhar o verde tapiz da relva; e baloiçar, pela brisa, a ramagem da copia esguia das arvores.

A lua viria em breve reflectir seus pallidos raios sobre a terra, deixando envoltos nas trevas mysterios densos.

E o brando sussurrar da agua, e o canto do rouxinol pousado sobre as ramadas de bem copados e viçosos ulmeiros, tudo isso viria principiar ao fim do dia, para acabar no frescôr da manhã.

A noute é mais bella que o dia! Á meia noute mesmo, hora que os poetas chamam de phantasmas e de visões, é terna, meiga e amavel, como o coração d'um anjo!

A madrugada, melhor apeteccida ainda, é a poetiza mais dedicada, e a que faz vibrar a lyra mais sonora de todos os cantos. E antes de nascer o sol, trinam as aves! baloicam os salgueiros! doudeja a brisa! abrem as flôres, com o viço do seu frescôr!... fica até embrigada a alma fria e adormecida do poeta!

.....

E todos se retiraram alegres e festivaes, mórmente Ernesto Rodrigues, que já pensava no amor, como ás vezes se pensa n'um sonho perdido. O que seus corações presumiam, era sem duvida a chamma ardente d'esse sentir; e cremos que no ardor do entusiasmo alguma fita entrelaçara dous corações, — mas é certo que todos seguiram novo rumo.



III

Permitta-nos o leitor que cortemos por momentos o fio da historia. Talvez que já me tenha taxado d'apologista da mulher;— não, leitores; se no vosso espirito ficára infiltrada essa idéa, eu perdôo-vos o crime da contradicção.

Elevar até ás nuvens a flôr sem criterio, quem fazel-o? Um desdenhoso sorriso para amar, que virtude! E a lagrima, que furtiva lhe pende das palpebras, nem sempre se acredita arrancada do intimo da alma.

Ás vezes a lagrima na mulher é o fingimento da sua paixão, e a armadilha mais fatal a todos os corações masculinos. Não quero com isto negar que aquelles olhares, umas vezes vivos e outras tantos languidos, nos brotem sobre o espirito um sorriso de ventura, para dissipar-nos o soffrimento.

O escriptor tem momentos de magua e d'alegria. Hoje, ralado de raiva e d'inveja, por não ter merecido um afago, um carinho d'aquelle coração, bastantes vezes venenozo e outras tantas doce fructo da divindade, chama-lhe *demonio*. Amanhã, colhendo um sorriso da mulher, colhe um fructo doce; colhendo-lhe o amor, encontrou um thesouro inapreciavel, e chama-lhe *anjo* e mil outros nomes bonitos.

Perdoae-me, queridas leitoras, se vos descrevi menos dignamente. Aquelles que tanto exaltam a mulher, vem quasi sempre a ser os seus maiores inimigos.

Uma hora mais, leitores, Ernesto e Guilherme passeavam no Caes. Pouco depois o antigo beirense dava um *adeus* por despedida ao seu companheiro.

Cada um seguiu differente direcção; e, poucos momentos mais, Ernesto Rodrigues transpunha o limiar da casa que habitava.

Seguidamente encaminhara-se para o seu quarto; e sem que fosse perturbado por alguem, arranjava-se na posição mais commoda.

Para dissipar o seu aborrecimento, dispunha-se ler algum livro classico da litteratura; e quando folheava algumas poucas paginas, que havia já lido, com mais ou menos interesse, chamavam-n'o a ceiar.

— Vou já! — deu elle por resposta. — E continuou lendo ainda algumas paginas.

Virginia, o espirito varonil da casa; a joven casta e pura, que attrahia todas as attenções e carinhos da familia; a alma ingenua por quem o beirense sentia vivo prazer, impacientada com a demora, resolvera chamal-o; e com dous pulos de seus pés delicados e flexiveis, achava-se a junto d'elle.

— Sr. Ernesto! — proferira a joven, entreabrindo a porta.

— Podéis entrar, sr.^a Virginia — atalhou elle, fechando as folhas do livro, marcadas por um signal.

— Não vindes? — continuou a femil creatura.

— Vou... vou, minha linda menina — disse, beijando-lhe a fronte.

— Ah! — exclamou Virginia, olhando para sobre uma mesa. — Aposto que estaveis a ler aquelle livro?..

— Estava ... mas ...

— Lel-o-eis amanhã, não é verdade?..

Ernesto saltando para fóra do seu gabinete, prendêralhe uma das mãos juvenis, e conduzia-a a junto da familia sua protegida.

Ernesto Rodrigues que apresentava em casa um semblante sempre melancolico, denotava agora extrema alegria, e todos sentiram com vivacidade a mudança operada.

Elle para amar, não precisava sair de casa; — todos os dias se lhe apresentava um rosto terno, vivaz e florescente, como as plantas da primavera, que sorria a todos os brinquedos infantis. Nenhum sentir, porém, lhe havia ainda inspirado o desejo ardente pela mulher.

Agora via no amor o mais bello entretenimento da vida, o remedio mais affastador de paixões cruentas. Aquelle rosto faceto pendia-o, desde o momento em que o mirava, — e não havia já quem quebrar-lhe as grossas cadeias que os enlaçavam.

Alguns momentos mais, e achava-se mettido entre aquelles habituaes lençóes de uma cama, que nos fortalecem pelo socego, a alma fraquejante e debil; e muitas vezes curvada a paixões devastadoras.

Ao descanso do bom do academico não succedera o conforto prevalecedor do espirito. As visões formosas, que ainda n'aquelle dia havia sentido, transformaram-se-lhe em maus agouros.

Batiam duas horas da noute. Ernesto voltando-se no seu leito de descanso, aborrecido pelos sonhos infindos, que lhe engendravam no espirito tão feias paixões, ficara d'esta vez embalado pela profunda somnolencia que o accommettera.

IV

Como de costume, Ernesto Pinto levantara-se pelo crepusculo da manhã. Os vultos imaginarios de seu sonho, ainda lhe descobriam no rosto uma physionomia terrivel; e pallido até, com a fronte pendida sobre o chão, quasi não volvia os olhos chammejantes, e as pernas tropegas não o ajudavam a mover-se.

Que presentimentos seriam eses? que febre contagiosa palpitaria aquelle corpo, ainda no verdor dos annos?

Vestira-se emfim como poude. Lentamente ajudado por seus nervos mimosos, sentia n'elles o pulsar da violencia. Depois d'isso, encaminhara-se para um pequeno jardim da sua habitação.

Alli, com a variedade das flores, com os frondosos ramos d'arvores, bem copadas e viçosas; com os harmoniosos canticos das aves, que costumam cercar estes paraizos terrestres, poderia esquecer por algum espaço de tempo a sua flacidez.

Chegado finalmente ao jardim, apoiara-se em um banco de pedra. Ahi pareceu acalentar o espirito com a suavidade do aroma, que as flores rescendiam, com o ar puro e livre no madrugar d'um dia luzente. Mas os vestigios d'aquella dôr não se lhe obliteravam de todo no coração.

E dizendo que Ernesto pareceu dissipar a paixão que o terrível sonho lhe havia introduzido na mente, viriam n'esse momento as tarjas funebres em volta d'um sobrescripto, desenganal-o de que o seu mau agouro tinha-se infelizmente tornado uma realidade.

Retirava-se pouco depois do sitio bello e encantador; antes diremos da má nova o certificar da verdade do terrível sonho. E elle não ficara allodial da sua magua: cada vez mais o coração se lhe compulsava e uma febre delirante e contagiosa o perseguia. O rosto pallido, deslumbrava a vista dos olhos que o fitavam.

E teve logo a desventura de encontrar-se com aquelle anjo a quem amava, mas com amor intacto;—e nem sentira animo para dissimular-lhe a dôr que lentamente o confrangia.

—Que tendes hoje, sr. Ernesto?— Estaes tão pallido!.. Vou dizel-o á ma-mã para que vos mande chamar um medico, sim?

— Não... não, menina! — retorquio elle, em voz sentimental.

A joven poude ainda assim desprender do mancebo suas mãos delicadas e flexiveis, e correr depois por um comprido corredor; —e elle não teve força para suster a tenra e juvenil creatura.

Virginia correndo com a maior presteza, achava-se em breve a junto de sua carinhosa mãe.

— Minha ma-mã! — exclamou afflicta, como se a magua do joven lhe tivesse tambem tocado. — Vinde olhar Ernesto... Está no quarto... tão pallido!..

Josephina ficou como que assustada,—porque ainda na noute do dia precedente o vira tão risonho, como as flores gentis nos dias suaves da primavera. E reflectindo por

momentos, sustinha os rogos apressados e afflictos da meiga donzella.

— Minha ma-mã! — continuou a infantil creatura, com a impaciencia da sua idade. — Se lhe não acudís depressa, talvez que peiore e morra!...

— Morrer, menina! — exclamou a dama, extasiada ante o rosto de Virginia. — Não o mirasteis ainda hontem tão alegre, tão jovial?!

— Mas vejo-o tão pallido!...

Quando a linda creatura acabára de proferir as ultimas palavras, Josephina encaminhava-se para o gabinete d'Ernesto. Este estava sentado; tinha a cabeça reclinada sobre uma mesa e as mãos cruzadas na testa. E assim, meditativo e triste, parecia accommettido de somnolencia.

O mancebo, ao encarar junto a si a v̄sitante, quiz tambem suffocar a paixão ardente, que o abrasava; mas o risinho do rosto não encobria a pallidez.

— Que vos occupa tão fecundamente? — murmurou a bella dama, com meiguice tal, que prenderia o mais foragido coração.

— Pensava... penso ainda... n'um sonho em que me achei envolto durante a noite.

— Pensar em sonhos, na vossa idade!... na idade dos sorrisos e da ventura!... E acreditastel-o, com firmes esperanças da sua realidade?

— Acredital-o!... nunca! — retorquiu o mancebo. — Sinto todavia as suas impressões.

Não tivera tempo para abrir mais uma vez a bôcca; n'esse mesmo momento interrompera-o uma voz que de subito lhe eccoara.

Guilherme de Sousa surprehendendo o seu companheiro das lides do estudo, fez que dos labios d'este retinisse um sorriso.

Josephina retirara-se depois da vinda de Guilherme.

— Que melancholia vos predomina hoje? — murmurou o academico, fixando vivamente o seu condiscipulo.

Este não respondera logo: pensou primeiro na resposta, em uma resposta que viesse negar a pergunta, — e depois proferiu com um entono risivel:

— Se me vedes pallido — isso nada póde valer, quando o coração está limpo de ruins paixões.

— Mas... — continuou ainda — São oito horas e meia: não vaes hoje á aula?

— Vou! — respondeu-lhe Ernesto. — Mais um momento, e aqui me acharei ás vossas ordens.

Não se passara um quarto d' hora até á sua vinda. Estava já bom: fallava com desenvolvimento, e sem titubiar, como d' antes.

Dir-se-ia até, que o sonho d' Ernesto Rodrigues fôra um sonho ficticio: — uma lembrança apenas e mais nada. O futuro era quem viria decidir da sua felicidade ou desventura.

Decorrera apenas uma hora, depois da saida dos dous academicos, o carteiro transpunha o limiar da porta. Dirão agora os leitores — « que asseguraria a chegada d' esse carteiro? » — Eperai; ides sabel-o.

O carteiro tocando com força n' uma campainha d' escada, gritava:

— Uma carta!

Escusado seria dizer o nome que o sobrescripto continha; mas para satisfazer a curiosidade dos leitores, dir-lhe-hemos que em volta d' umas tarjas funebres, lia-se nelle o nome de Ernesto Pinto Rodrigues.

Eis pois o desengano, o final do enredo de toda essa comedia. Que faltaria agora? — Só talvez abrir a carta.

Josephina Adelaide era a fiel guardadora da carta. Contudo, Virginia, o rosto juvenil da poesia, avistando-a por um acaso, as faces tornaram-se-lhe pallidas; e curiosa, ou movida por curiosidade, fazia com ingenuidade a seguinte pergunta:

— Porque hoje recebe o sr. Ernesto uma carta funebre?

— Não o sei, menina — atalhou a dama.

— Virginia fôra metter-se em um quarto, n'um quarto onde tinha os seus brincos, os seus bonitos, menos cartas d'amante. A faceta e mimosa creatura dirigindo-se para um sitio, onde ninguem agora penetraria, pensou, sem duvida, em fazer alguma surpresa.

Acabava de soar uma hora. Ernesto separando-se do companheiro escolar, do amigo intimo, que tanto lhe sorria sempre, ainda nas horas de maior amargura, com um coração puro e affectuoso, encaminhava-se para casa.

Mansa e mansamente subira a escada, como um corpo que nada presentia, como um coração que nenhuma magua sentia sobre si reflectir.

A esbelta joven, a quem o sangue pulava ainda tanto nas veias, impellido pelo vigor da infancia, não poude d'esta vez sómente conter-se occulta. Abrindo a porta do quarto, em que pouco antes se encerrara, iria sem duvida (pensarão os leitores) juntar-se a Ernesto, e annunciar-lhe a carta, que na imaginação tão vivamente trazia impressa.

Não foi porém esse o resultado da sua apparição. Correrá apressada para o lado extremo do gabinete do academico.

A infantil creança, leve, como leves são os corpos d'aquella idade, com dous pulos annunciava a Josephina o que para ella era ainda um segredo.

Em breve as femininas creaturas firmavam seus passos no aposento de Ernesto Rodrigues. Este de nada suspeitara; só lhe causou estranheza ver aquella juvenil creatura, onde se descobria um rosto oval, e nelle umas pupilas d'esmeralda, um rosto, sempre risonho, não sorrir-se.

Virginia, como de costume, caminhára a abraçar o manco, que a acariciara com um sorriso presenteiro.

— Tendes hoje uma carta! — proferiu esse feminino e angelico ente.

— Uma carta! — Interessaes-vos tanto por essa carta, linda menina!

— Josephina Adelaide mettendo uma das mãos mimosas na algibeira do seu vestido, tirava a luctuosa carta dirigida a Ernesto.

— Eis a carta que vos annunciara Virginia! — disse, dando-lh'a

A boa da creatura olhara ainda mais uma vez com interesse a carta que de tantas conjecturas e commentarios lhe fôra thema.

Josephina que conhecera a situação triste do academico, pensára em aguardal-a á joven, para não a ver triste e meditativa como elle.

— Virginia! — replicou a dama — o vosso pa-pá deve estar chegando; é necessario que o vamos esperar. Deixae ficar só o sr. Ernesto.

A donzella córou, em vista do que lhe acabava de dizer sua mãe. Tinha a curiosidade da infancia, e em lhe cus-tar não participar d'esta, amuara-se.

— Amuae-vos, menina? — retorquiu Josephina. — Que dirá o vosso pa-pá, em vos vendo assim?..

Apertand-o-lhe ao depois levemente uma das mãos, retirava-se do quarto de Ernesto. Virginia' entregara-se á

pouco tenaz resistencia de sua mãe. Estava como que suffocada; queria chorar, mas era-lhe impossivel. Porém, para desabafar livremente, para dissipar o ardor de toda a paixão, encaminhara-se para o seu pequeno jardim.

Ernesto ao pegar na carta, que de tão más novas resava, sentia arripiarem-se-lhe ainda mais os hirtos cabellos. Mettera o dedo pellegar no vacuo do sobrescripto, e abriro-machinalmente. No fim da leitura da carta um leve desmaio acabara de o accommetter.



Eis que principio no quinto capitulo do romance, d'essas paginas não douradas, sem perfumes e sem matiz, que as faça sobresair. Todavia o nome pobre do auctor, indica o quanto por elle se deve julgar.

Seria estar enfadando-vos com taes lamurias, queridos leitores e amaveis leitoras, pois que já vos dei a conhecer que só uma mera curiosidade nos levou a escrever uma tam simples obra. Não disse porém tudo, leitores; e é que a linguagem do melhor escriptor nem sempre agrada, quando á belleza e primor d'estylo, não se reune a escolha do assumpto.

.....
Como deixamos dito no fim do capitulo precedente, Ernesto passara por uma forte ablação d'espírito, e que pallido, como os raios brandos do luar, bem denotava a sua magua.

Como estaria a casta menina, a flor mimosa da juventude? — perguntará agora o leitor — Afflicta, afflictissima, como era natural de conceber-se n'um coração preso em doces enlevos ao de Ernesto.

Quando Virginia se encaminhava na direcção do jardim, para encobrir talvez a dôr que sentia resvalar-lhe

até ao amago do coração, fôra interrompida na sua carreira afanosa por uma voz que já bem perto lhe soava:

— Virginia! Virginia!

O ecco d'estas palavras, que retumbou inexperadamente aos ouvidos da joven, fizera-lhe suspender o seu destino.

Era seu pae, o sr. Philippe de Vasconcellos, que a chamava. A voz conhecera-a ella perfeitamente; e volvendo os olhos para detraz, a innocente sylphide correra a approximar-se com aquella graça, que em occasiões taes tantas vezes fizera sentir a sua chegada.

— Para onde caminhaveis agora e com tanto afan?— murmurou o sr. Philippe de Vasconcellos, beijando a fronte da filha.

Á pergunta, a ingenua criança só respondera com um sorriso melancolico.

— Que tens hoje, Virginia? — continuou ainda.

— Não tenho... não tenho nada.

— Tens, tens... mas queres encubrir-m'ô. Alegravae-vos, meu anjo; trouxe-vos uma prenda.

— Qual? A que me haveis promettido?— interrogou a joven, franzindo a sobrancelha, para deixar brilhar ás pupilas de seu lindo rosto.

— Sim... sim. Mas a vossa ma-mã?

Josephina chegava, ao momento em que era perguntada, trocando de seu esposo, abraços por abraços, sorrisos por sorrisos e olhares por olhares.

Virginia depois da chegada de sua mãe, fôra annunciar a Ernesto a chegada do sr Philippe.

— Annuncio-vos...

— Quem? — interrompeu este, ligeiramente. — Talvez o vosso pa-pá!..

— D'esta vez advinhasteis.

Ernesto Rodrigues tinha já desanuviada a fronte de mil pensamentos, confundidos uns após outros; e sentia-se quasi livre da sua magua, que desapareceria instantanea, como as petalas da flôr desabrochada.

O sr. Philippe de Vasconcellos não se fizera esperar muito no quarto d'Ernesto. Este mostrava-lhe a carta em que vinha annunciada a morte de seu pae.



VI

Os leitores acharão tudo isto pequenos factos, porque o romance não tem novidade: são scenas familiares, e pouco ou nada mais.

Bem quizeramos nós abrilhantar a obra; mas entendemos, bem ou mal (o leitor que julgue) que já assim nos seria difficil fazel-a sair dos borrões, que a cada instante lhe lançavamos.

Tomámos mais por guia a realidade que a ficção; e antes e depois da lembrança, que na opinião do judicioso leitor será pueril, continuámos escrevendo o que a mente nos suggeria, desde a concepção da obra até á sua realisação.

Alguns advertem, que o mais lindo do romance é o enredo da mulher prostituida e abandonada; outros ainda, elogiam o romance apparatuso, isto é, quando n'elle se encontram duellos e victimas. Será tudo isso bom; mas a mente optavamos pelo singello.

As opiniões são muitas vezes erradas; e se não seguirmos n'algumas os dictames da consciencia, talvez ficassemos prevertidos, pelo erro, e scepticos por leviandade. Se alguns entendem que a maldade é virtude; nós achamos que essa virtude é maldade.

O romance comprehende o amor; e o amor mais puro,

e santo, é aquelle que nos persuade a santificação perante o altar. E como o mais bello, divino e magestoso, mais agradável deverá ser a sua descripção. Ficou-nos santificada a idéa, o pensamento, e do pensamento passou á inspiração.

Comprehendemos melhor a singeleza da verdade, do que a ficção n'um magestoso enredo; e nenhum mais que o nosso fraco gosto nos lisongeou a imaginação. Os leitores que julguem d'ahi, qual d'elles deveríamos aproveitar para melhor e mais agradável tornar o livro, que por certo não vae com este.

Ernesto viria agora entrar em uma vida nova; — d'aquella época, d'aquelle dia, d'aquelle momento em diante, só teria de esperar a sua boa ou má sorte; elle cursava então o 4.º anno da faculdade de direito.

Esqueçamos dizer que Virginia contava n'esta época 15 annos. Achava-se n'uma idade d'ouro; — mas d'alli para o futuro talvez principiassem a lembrar-lhe as seducções do mundo, d'um mundo supersticioso, que a perderia, se ella deixasse enlevar-se em amores fementidos e falsas promessas.

Tem-se dito muito, talvez tudo, quanto se pôde descrever da mulher. Que ha dizer-se de Virginia? — Que era um anjo seductor; que fascinava a todos a magia d'aquelles olhares; que tinha o rosto, o mais atilado; e que comprehendia da cabeça aos pés o maior realce da perfeição? Todas essas bellezas estão mais que descriptas. O que depois de tudo isso se pôde descrever na mulher é a sua honestidade.

Quem amaria no futuro aquella flor virente da sociedade? — perguntamos nós. Seria porventura Ernesto Pinto Rodrigues? Esse thema de pergunta poderia ainda vir a ser duvidoso.

O amor que transige com todos os corações—mas que ora fluctua, ora emudece; que hoje se concentra aqui, e amanhã busca outra morada, se a acha mais terna, mais feliz, mais encantadora—não é sustentavel, sem base firme; e para se construir os alicerces, é necessario ganharem-se dias, mezes, e ás vezes annos.

Era pois esse o ponto de duvida sobre o amor de Ernesto, que ao mais leve sopro d'aragem poderia mudar.

Todavia os leitores admirariam o coração ingenuo de Virginia, comparando-o aos outros do risonho Mondego, que em tão pouca idade costumam desabrochar, como na primavera a rosa, suas petalas ainda unidas.

Guilherme desde que soubera dos pezames do seu collega, a quem tractava do intimo d'alma, apressara-se em o visitar.

Ás dez e meia horas da manhã saía elle de casa para cumprir a divida de gratidão, que bem justificadamente tinha de pagar ao seu amigo: era necessario satisfazer mais esse compromisso sagrado.

Um importuno acabava Guilherme d'encontrar, em uma das ruas da baixa da cidade.

— Vaes hoje ao theatro?—perguntou-lhe curiosamente o passeante.

— Como... ao theatro? — redarguiu este, arrebitando a sobrancelha.

— Pois ainda não sabeis que hoje ha theatro?

— Ah!.. agora me recordo; ha seis dias que ouvi fallar n'isso; mas desde então não me lembrou mais semelhante noute de theatro. E quem são os actores?

— Não assististes á ultima representação?

— São os mesmos?

— Com pouca differença.

— Pois bem... irei ainda d'esta vez, apesar de me não agradar o ultimo espectáculo.

— E o bilhete?

— Irei logo busca-lo.

— Mas se vos demorardes, correis o risco de não os encontrar.

— Decerto estaes caçoando!

— Forte injuria! Caçoar!.. eu!

— Perdão! perdão!—bradou Guilherme sorrindo-se.—

Não vos conheci nunca o habito de mentir. Se não partisse de vós, talvez a pillula me custasse engulir. Porém tenho de não me fazer esperar.

— E quem vos espera?

— Ernesto Pinto Rodrigues.

— É urgente o vosso negocio?

— Nada d'isso... mas prometti-lhe brevidade na visita: fiz uma promessa, devo cumpril-a.

Estas palavras, porém, não fizeram convencer em nada o importuno, que ainda teimava com Guilherme até o resolver a mudar de tenção.



VII

Ernesto estava agora só no seu apóseno. Virginia, o espirito buliçoso e inquieto da casa, que forcejava sempre por estar a junto do guapo mancebo, viera pouco depois fazer-lhe adejar nos labios um sorriso venturoso. Elle apesar de não estar desaperecebido d'aquella funebre recordação, afogueado em pequena magua, que ainda lhe do-loria o espirito indelevelmente—recobrava o animo, ao ver diante de si a mimosa e juvenil creatura.

Quanto aos laços de amor, que no futuro poderiam prender tão nobre e justamente Ernesto a Virginia terão talvez pensado até aqui os leitores — que lhe não dava a consciencia resposta negativa.

Mas quem póde adivinhar os *laços que amor arma brandamente!* A vida, que é toda horrascosa; que de espaço a espaço nos lança um novo contratempo, não assegura nunca a idéa da felicidade ou desventura.

Pouco depois mostrava a linda creatura ao mancebo a prenda que seu pae havia trazido na ultima viagem: era nem mais nem menos um precioso annel, que no topo da argola continha as iniciaes do seu nome, fechado por um circuito de brilhantes.

Havia seguramente meia hora que os dous entes se miravam. Ernesto via sobre si reflectir raios brilhantes, dimanados d'esse espelho candido e divinal.

A interrupção d'esse goso de que tão isoladamente se achavam partilhando, não podia vir longe;— e depressa, bem depressa lhe sobreveiu.

Guilherme de Sousa acabava de penetrar na habitação d'Ernesto, e um momento mais, seria o momento da surpresa.

Virginia entretia-se em olhar por um binoculo o vasto panorama que d'alli se descobria.

A tarde estava serena, e o ceu limpo de nuvens sombrias. O sol amortecia seus luminosos raios, e a brisa doudejando, vinha apagar o calor que elles haviam lançado sobre a terra.

Em breve retiniu a voz de Guilherme, que quasi junto á porta, dizia: Posso entrar?—Ernesto conhecia-a de mais, e por isso desnecessario se tornava responder-lhe.

— Talvez já vos cauzasse estranheza a minha demora? — proferiu Guilheme, deixando-se cair sobre uma cadeira.

— Nenhuma — atalhou Ernesto.

— Ás dez horas da manhã recebia o vosso bilheteinho; e meia hora depois encaminhava meus passos para os humbraes da vossa habitação.

— E ainda agora aqui chegaes? —

— Vou explicar-vos o enyigma.

E quando ia a proseguir no dialogo travado, interrompera-o a presença d'esse rosto virginal.

Virginia aproximando-se de Guilherme, alegre como a rosa trepando por sobre os muros do prado, risonha como as flores n'uma manhã d'Abril, seductora como uma Venus toucada em dia de galla, ou em noute de baile, fazia rejuvenescer uma esperança vivaz n'esse ente, tambem seu muito predilecto.

O poeta beijando as faces mimosas e frescas da don-

zella, e vermelhas como a nuvem serena da manhã, fazia-a deslisar em requebros gentis, ou em doces e suaves enleios.

No meio de todos esses enlevos formosos e d'essa graça viril, Virginia fôra chamada pela voz terna de sua mãe. Aquelle semblante de vermelho tornou-se pallido, e na palidez do rosto deixava perceber uma côr alvissima. Era-lhe penoso sacrificio o seu apartamento; mas tinha de não desobedecer.

Depois da retirada d'aquella creatura ingenua, o academico travava de novo a sua conversação.

— Como principiei de contar-vos, eram pouco mais ou menos dez horas e meia, vinha eu com o destino á vossa morada; porém, quando chegava á rua da Calçada, deparo com um importuno massador, que não me largou sem que fosse comprar um bilhete da récita annunciada para hoje.

— Ha hoje theatro? — murmurou Josephina, que acabava d'entrar no quarto com Virginia.

— Sim, minha senhora — tornou Guilherme.

— Quereis ir ao theatro, Virginia?

— Ia, ia... mas o sr. Ernesto?

— Pois então quereis ficar?

— Gostaes que eu vá, sr. Ernesto — murmurou Virginia, em um sorriso travesso da sua idade.

— Poderia acaso privar-vos os vossos folguedos, sr.^a Virginia?

— Irei!.. irei!.. — bradou alegremente a donzella.

Guilherme continuara a sua narração por duas vezes interrompida.

— Disse-vos já, que encontrando-me com um importuno, este me fez voltar de novo ao bairro alto, dando-me por pretexto de que á tarde não encontraria bilhete da minha ca-

deira. Quiz voltar, mas o sol ardente quasi nos fulminava.

— É bem motivada a vossa demora — redarguiu Ernesto Rodrigues.

Algun tempo depois batiam sete e meia horas n'uma das torres da cidade, e Guilherme dirigia ao seu collega estas ultimas palavras de despedida :

— Pois então até amanhã.

— Até amanhã — disse Ernesto por seu turno, apertando-lhe a mão.

Decorreram minutos, segundos, instantes; um relógio de sala marcava com os pesos debruçados, tres quartos para as oito.

— Tres quartos ! — advertiu Virginia a sua mãe.

— Ui ! — soltou a bella dama — Ide vestir-vos, para não irmos tarde.

A sacerdotiza de Venus engrinaldara-se com lindos enfeites e com um rico *toilette* de *glacée*. Josephina vestida tambem com elegancia, deixava entrever a todos os olhos o realce da sua formosura, que depois de trinta primaveras contadas, ainda não havia emurhecido. Pouco depois, Virginia, sua mãe e o sr. Philippe de Vasconcellos, davam a Ernesto um adeus de despedida.



VIII

Ernesto ficava só, ou para melhor dizer com um criado. Sentara-se então, depois d'algum tempo haver percorrido o soalho da casa ; e um livro romantico veio dar-lhe linitivo á sua profunda melancholia.

Oito dias eram decorridos, e elle esquecido estava d'uns olhos bellos que o tinham fascinado : esses olhos eram os de Julia. Chegara-lhe todavia um momento, em que a imaginação ondivagando por o passado e pelo presente, nos recorda todos os transes, ainda os mais esquecidos.

Passaram-se tres dias sem que este sahisse de casa, como um dever que o lucto lhe impunha. N'esse tempo, desde que ao ler do celebre romance se fizera recordar de Julia, sentia-se lubrico para o coração da bella creatura, mas sempre palliando em si esse amor até ao desenlace. O sentimento era forte, mas communical-o a outro coração, podia perder-se a si, levando o enternecimento á boa alma de Virginia.

Julia emularia com Virginia? Cremos que sim. Ambas as creaturas se formavam por dous rostos ideiaes e escolhidos d'entre a mais rara formosura ; e em tudo o mais, pareciam dous corações aquecidos ao mesmo sol e abrigados debaixo do mesmo tecto.

Findava uma sexta feira, o quarto dia de lucto; Er-

nesto, recebia uma carta escripta pelo proprio punho de Julia.

O academico olhara muito attencioso o sobrescripto da carta, pois que das poucas lettras mulheris que conhecia, não vira n'essas mesmas, caracteres tão bem traçados, quasi similhando uma lettra ingleza.

Abrira a carta, mas sem que o sobrescripto soffresse um d'aquelles rasgões repentinos que o mais grosso dos dedos lhe costuma dar. Não era a primeira vez que via a lettra d'essa feminina creatura, a quem só o pincel facil e gracioso de Corregio poderia desenhar, mas nunca lhe observara tão lindos traços, como os que ahi estavam descriptos. Quereis saber, leitores e leitoras, o que esta carta continha? Não ha n'ella segredos occultos.

« É com o mais profundo respeito que hoje vou inter-
« romper-vos nas horas de paixões indeleveis, que ainda
« deveis sentir. Já ha mais tempo devia eu ter-vos escri-
« pto, mas não quiz aggravar os soffrimentos que haveis
« de ter sentido.

« Acolhi benigna a vossa ultima carta, que a todòs os
« respetos devo guardar, como uma lembrança que não
« se apagará entre mim. Senti com verdadeira magua o
« fogo d'essa paixão que acaba de communicar-se entre o
« vosso peito : mas a resignação ha de esquecer-vos o sof-
« frimento, como a brisa allivia o calor. Na vossa carta en-
« contrei ainda mais uma vez reconhecida a amizade da in-
« fancia; mas a par d'isso, o amor que declaraes a uma
« pobre creatura, não é possivel ligar-se á vossa ou minha
« condição ; — e nem eu talvez lhe saberia corresponder.

« Nunca pensei em amar, apesar de recordar tantas vezes
« o amor bello dos romances—e a outro homem, que não fos-

« seis vós, não escreveria sem receio de alcunharem de
« loucas as minhas palavras. — mas assim não o creio;
« porque, na alegria, sempre vos conheci sorrisos doces
« do coração.

« Visitae-nos amiudadas vezes, pois sempre em mim re-
« nasce prazer ao ver-vos. — *Julia Candida Albertina Mon-*
« *teiro.* »

A carta estava escripta em termos bastante expres-
sivos; e suas palavras ponderavam bem o amor que ella
sentia. Demais, a parte grammatical, que na mulher cos-
tuma quasi sempre ser estropiada, estava n'esta soffrivel-
mente coordenada.

Ernesto acabara por fim de lêr a carta. Por aquelle sem-
blante risonho se colligia que cada vez mais se lhe atei-
avam as chammas do amor pela donzella.

A carta, porém, demandava prompta resposta; e era
justo que não deixasse decorrer muitas horas sem satisfa-
zer o seu dever. Abrira pacificamente uma gaveta, que
continha papel assetinado, papel que sem duvida era des-
tinado áquelle fim; tambem estava aromatizado de perfu-
mes, e em cada canto ornado de lindos *arabesques*.

Experimentara muitas pennas, para encontrar uma que
melhores traços lançasse sobre o papel. Já não havia mais
demora: prompta a penna e o papel, só restava um braço
que a movesse, e uma imaginação que dictasse.

A mente correra-lhe favoravel; e uma hora depois, in-
troduzindo a carta n'um lindo sobrescripto, lacrava-o com
um sinete, inscrevia-lhe a direcção, e lançava-a no cor-
reio.

IX

Virginia acabava d'entrar no quarto de Ernesto, como de costume, sorrindo e brincando.

A boa creatura encaminhara-se seguidamente para junto do mancebo, que de novo meditando na carta de Julia, escondera-a repentinamente. Mas Virginia não tinha o defeito de ser myope; e quando a introduzia n'uma gaveta, murmurava com ingenuidade:

—Que levasteis agora com a mão á gaveta? Pareceu-me um papel... e tam lindo!...

Elle sorrira-se lentamente, para lhe encobrir o que por caso nenhum devia saber.

Agora tractemos de Julia e da carta que lhe devia ser entregue.

Na manhã do dia seguinte, desde que a formosa virgem arrancava seu espirito ás azas de Morpheu, para respirar o frescor da brisa da manhã, ou antes diremos, cuidadosa pela resposta á sua carta, seguia palmo a palmo os passos que pisavam a rua; e ao mais leve rumor, corria á janella a ver se o momento suspirado ía realisar-se.

Chegara a final o tão desejado carteiro, — e antes que elle abrisse a bôca, já a bella creatura transpunha os degraus da escada.

Julia propunha-se emfim abrir a carta; mas répent-

namente fôra interrompida. Pouco depois era conduzida por sua mãe a uma sala, onde, logo ao entrar, deparara com um mancebo esbelto e galante: era Ricardo, o primo de Julia, e irmão d'Eugenia.

Um amplexo unira os dous jovens; — e n'esse amplexo embatia-se a formosura, mas não o amor. Julia tinha-o já visto algumas vezes; e se o não amava, tambem não o aborrecia.

Esquecíamos dizer aos leitores quem era Eugenia. Sim, Eugenia, a irmã de Ricardo, de quem ha pouco vos falei. Era uma creatura, bella como Julia, mas terna e melancolica como a luz do luar.

Pelo fim da tarde do ultimo dia do mez de Junho de... Guilherme de Sousa passava n'uma das ruas do bairro alto; e n'um volver d'olhos para a fronteira d'umas casas, deparou em uma janella com galante e esbelta joven: era Julia Monteiro. Estava agora tão seductora, que olhos nenhuns, ainda os menos sensiveis, deixariam de a fitar vivamente.

Guilherme era poeta, senão bom, ao menos soffrivel; e o poeta anda ligado á poesia. As finas madeixas do cabello annelado da virgem transluziam, pelo brilho, em todos os olhos; as pupillas d'esmeralda fuzilavam-lhe no rosto como luzes vivas e radiantes; e em todo o seu corpo lia-se — nimo, graça e poesia. Olhada agora como estava, envolta em umas vestes singellas, deixava vêr um pequeno bocado de seu peito, tão claro como a neve accumulada sobre as montanhas, e que metteria cubiça á mais alvacenta, dama ingleza.

Guilherme fascinado por aquelles olhos verdes-gaios, parara estasiado a contemplar a belleza que os poetas adoraram e exaltam, e á qual todos os corações se rendem.

davia Julia, apesar de não ver o seu admirador, desapareceu da janella, e com ella o mancebo que continuou seguindo o seu destino.

Julia, depois da visita de Ricardo, retirara-se para a sós poder ler a carta. É justo que aos leitores dê conhecimento das palavras de Ernesto Rodrigues, visto tel-o dado das da formosa e angelica creatura.

Julia sentia uma alegria extrema ao abrir d'esse escripto, para ella tão precioso; e ao mesmo tempo notava em seu rosto uma vermelhidão immensa, que a vergonha e honestidade costumam dar á donzella. Eis, pois, a resposta á carta de Julia:

« A vossa carta veio mitigar-me a dôr que me estava
« palpitando. Não haveria decerto espirito algum, por mais
« foragido ou menos sensível, que resistisse á sua leitura.
« É sempre doçura que se encontra nas vossas expressões,
« ternas ao mesmo tempo que risonhas, e tão amaveis como
« consoladoras; — conheço-vos o coração desde a infancia,
« e nelle li sempre bondade.

« A vossa carta suavizou-me a mente na força das es-
« candecencias: nella encontrei o maior allivio; pois que
« fazendo-me esquecer paixões cruentas, sentia minguar-me
« pouco a pouco o enfraquecimento do espirito. — Ler vos-
« sas palavras é ler-vos a alma, o espirito, o coração; é
« forçoso negar com a bôca o que o peito sente lá den-
« tro.

« Reconheceis a amizade, que sempre nos ligou; no
« amor é que sentis uma compressão violenta. É sempre
« assim; — quando o coração se esforça por não revellar
« os sentimentos apaixonados, a innocencia busca seus man-
« tos para n'elles se envolver mais obscuramente. Quem

« sabe se o falcão não levará a rolinha, por quem tão pre-
« tenciosamente se declarou.

« Fallaes-me em vossas condições; uma perola, como
« vós, não se vende, dá-se;—a riqueza não vale nada ante
« a formosura: joias tão preciosas, são adorno de toda a
« ventura. Se me negaes o amor, negaes-me a felicidade;
« mas não o creio, porque haveis inda de reconsiderar
« em que o amor é uma virtude do coração.

« Pedis-me que vos visite mais vezes. É essa uma mi-
« nha falta imperdoavel, mas sempre fui cobarde na ou-
« sadia; — e o receio de que ellas podessem servir de the-
« ma á maledicencia d'esse velho mundo hypocrita, é que
« me levou a não ver-vos tantas vezes, quantas o cora-
« ção pretendia; mas como me pedis não saberei faltar.
« — *Ernesto Pinto Rodrigues.*»

A donzella ao ler da carta sentia um não sei quê de magico, que a attrahia. Um sorriso gracioso lhe assumira ao rosto; esse sorriso comprehendia bem o que o coração fallava lá dentro: — Hei de amal-o: tenho fé, crenças e esperança no seu amor.

A expressão era divinal. O amor que até alli a virgem seductora não soubera nunca traduzir, estava já produzindo seus doces fructos.

Ricardo destinava-se a ficar alguns mezes em Coimbra. A que proposito seria a sua vinda? A propria prima conjecturava sobre a sua presença, desde o momento em que soubera que tal demora se prolongaria.

Os rodeios formavam-se-lhe. Marianna de Sousa, que não sabia ainda se alguma cadeia amorosa a prendia, projectava de fresca data a união d'esses dous jovens que ahi estavam juntos.

O pae de Ricardo era um velho lavrador, mas abastado de bens agricolas, que são os fructos pecuniarios de todos esses homens que tem o alvião por sustento e a terra por productora. A sua consolação eram os dous filhos que unicamente lhe restavam: Ricardo e Eugenia, de quem já nos occupamos.

Julia era uma pobre, mas honrada menina, que possuia apenas um pequeno legado com que uma sua thia já fallecida a dotara. Mas, costureira bella, jámais lhe faltára pelas mãos delicadas o modesto sustento.

Ao mez de Junho, succedia Julho, estação já bastante calmosa. Guilherme, o poeta da lyra do Mondego, percorria em uma manhã de domingo o Jardim botanico para suavisar a mente com o frescôr da brisa.

Estarão ainda lembrados os leitores de que o academico, tres dias antes, ficára encantado com a belleza d'aquella creatura, por quem Ernesto sentia a cada momento suaves pulsações, sem que lembrasse de a ver na memoravel entrevista da *Fonte das Lagrimas*, ou reflectisse se tal belleza lhe poderia pertencer.

O poeta via ahi um sonho dourado, que na sua imaginação, tantas vezes consultada, significava — poesia. Guilherme sentando-se n'um dos bancos de pedra, tirara do bolso a sua carteira. A hora era poetica; a brisa ramalhando pela folhagem das arvores, as aves principiando seu doce trinar por uma cantiga solta, tudo... tudo isso lhe fallava ao coração e inspirava-lhe poesia. Momentos depois, o poeta tinha lançado na carteira alguns versos que destinava passar para um *album*.

Ernesto quasi pelo fim da tarde encontrára-se com o seu amigo intimo. A tarde estava serena, as nuvens espalhavam seus negrumes, e o ceu azul, brilhava pelos raios a

pouco e pouco amortecidos, d'um sol luminoso e resplandente.

Os dous academicos dirigiram-se para o *Penedo da Saudade*; conversando não sabemos sobre que, Guilherme recordára as pupillas d'aquelles olhos que sentira fusilarem-lhe no coração.

—Antes fossemos para o Jardim! — murmurava elle.

— Pois iremos — retorquio Ernesto.

Era ahí talvez que o poeta do Mondego, mais recordativo da sua aventura a narraria ao seu companheiro.

Caminhavam, pois, pelas avenidas do Jardim, e Guilherme suspendendo os passos, dizia ao seu amigo:

— Lembrou-me agora um acaso passado comigo.

— Deve de ser lindo... como o são todos os vossos contos.

— Ha tres dias calcava eu uma das ruas do bairro alto. Vi uns olhos bellos, castos e tão meigos, affectaram-me. E que rosto formoso, olhado n'aquella tarde serena, quando o sol ao despontar no espaço, deixava de novo vicejar as flôres!...

Ernesto rira do que o seu companheiro acabava de contar-lhe, pois que conhecera n'elle amores sempre vagos, apesar da bella imagem que concebia na mulher.

—Disse-vos já que me fascinara a magia d'aquelles olhares — continuou ainda o poeta. — Quereis saber o que minha alma sentiu nesses momentos apaixonados?

Guilherme de Sousa mettendo uma das mãos no bolso da batina, fizera de dentro d'elle surgir o *album* para onde passara os versos variados pelo metro e inscriptos na sua carteira.

Ernesto Rodrigues olhava alegremente o *album*, que lhe tinha sido apresentado; mas quando lia os dous versos d'uma sextilha, que diziam:

Tão *louros*, dourados cabellos !

Não mais hei de assim vel-os.

parara attonito, como sentindo-se picado d'essa expressão que podia também tocar-lhe.

Depois de ler a poesia, entre outras lindas que adornavam o livro, dizia com muita simplicidade:

— Como está linda e primorosa a vossa produção!.. e se não fôra um arrojão, perguntar-vos-ia qual o coração que ao poeta fizera render-lhe mil preitos.

— Nada mais natural, meu Ernesto — redarguiu, sorrindo-se. — Foi a imagem viva do seu sentir.

N'esta conversação os dous desciam os degraus da escada, junto á porta da entrada do lado do Seminario. Antes de o fazer, Ernesto por um d'estes acasos frequentes, olhara para traz, deparando com dous rostos femininos, um dos quaes era já traçado por algumas pequenas rugas; — o outro, com o verdor dos annos, era bello, gentil e engraçado: era o retrato fiel d'aquella por quem sentia pulsar o amor.

Eugenia, a prima de Julia e irmã de Ricardo, acabava de entrar no convento das Ursulinas, dando o ultimo adeus de despedida aos folguedos da sociedade.

Eugenia era ainda uma flôr muito juvenil: contava apenas treze annos de vida innocente; e para não ser prostituida pelas paixões corrosivas do mundo, escolheram-lhe aquella prisão isolada, onde estaria a bom recato, aprendendo em vez de luxuria, modestia; em vez de avareza, caridade christã.

Julia com mais a outra dama, a quem as rugas iam desfeitando a belleza das faces, acabavam de entrar no Jardim Botânico. Ao approximarem-se mais perto, um raio

letifico veio desannuiar a fronte pendida de Ernesto Rodrigues, que não sabia se andasse devagar, se depressa.

A donzella não tinha ainda avistado os dous mancebos, mas seus olhos desasocegados, não podiam estar por muito tempo sem os fitar.

O poeta até alli entretido em olhar para a vasta amplidão do astro, que já pouco poderia brilhar, porque os pequenos raios do sol iam a pouco e pouco sumindo-se por detraz dos montes, olhara subitamente para as damas, que já de si tão perto estavam. Mais que surprehendido ficara elle; e consigo murmurava: «É ella: é o mesmo rosto, os mesmos olhos, os mesmos cabellos!...»

— A estas horas e por aqui, Jualiasinha? — murmurou Ernesto, olhando risonho para a frente da sua amada.

— Menina! — continuou o interlocutor — Amanhã é o dia destinado para a minha partida, e é necessario que ainda hoje faça a minha despedida.

— Pois partis já amanhã? — perguntou a virgem seductora, a quem a pallidez cobrira o rosto.

— Não posso deixar de o fazer.

Julia e a outra dama despediram-se pouco depois. Até ao portico da saída, aquelles olhos sensiveis ao coração da bella creatura, não deixaram de a fitar; e ella volvera ainda mais uma vez os olhos para traz.

— Parabens! proferiu Guilherme, sorrindo-se. — Para mim é nova a vossa conquista no campo dos amores.

— Obrigado!

— E porque não acompanhaveis aquelle anjo? Deixastel-o ir tão inconsolavel!...

— Não quiz dar-vos o incommodo de acompanhar-me.

O poeta tirara novamente d'um dos bolsos da sua ba-

tina o *album*, que continha a poesia inspirada sobre o rosto virginal, que o deixou deslumbrado.

— Guardae ! — disse, dando-o ao seu collega — A mulher que me fascinou não me pôde pertencer.

— Em tudo temos um ambiente que nos liga : na amizade, na condição e restava-nos ainda agora no amor. Ao primeiro e segundo caso poderá elle estender-se; mas quanto ao terceiro, não se dimidia o ente dilecto.

A noute veio interceptar o dialogo, que ambos haviam travado ; pois que um archeiro acabava de lhe pôr termo á conversa, avisando-os de que iam fechar-se as portas do jardim. E ao sahirem, o girar dos gonzos da porta retintiu atraz d'elles sobre o gradeamento.

— Acompanhaes-me? — interrogou Ernesto.

— A casa de vossa amante ?

— Sim.

— Era ir perturbar com a minha presença a fiel expressão de dous amantes.

Pouco depois um trocara um adeus por outro adeus, e Ernesto em poucos momentos transpunha os umbraes da habitação de Julia.

Marianna, a mãe da creatura, bella como rosa fresca e louçã, apparecera ao cimo da escada, mas a presença do mancebo impediu-lhe pronunciar um — quem é ?

— Ah ! é o sr. Ernesto ! — murmurou graciosamente.

Onde estaria a joven, que ao primeiro momento não apparecera?... Estava mettida em um quarto, entretendo-se em desenhar um lindo bordado. O som d'aquella voz não tardou a eccoar-lhe aos ouvidos ; e ella largando esse entretenimento, ornara a sala com mais a sua presença.

Quem não estava alegre com esta visita era Ricardo, que olhava sobranceiro e carrancudo para o seu rival.

— É sempre amanhã o dia destinado á vossa partida? — perguntou a dama, tristemente.

— Era-me já impossível adial-a para mais tarde.

Marianna retirara-se pouco depois, e atraz d'ella Ricardo, que não podia encarar sem odio o mancebo que tão ousadamente tentava seduzir o coração, que elle pouco antes considerara seu.

— Que tempo tencionaes demorar-vos? — atalhou Julia, depois d'um longo colloquio amoroso.

— Não sei, menina; porque não posso adivinhar os successos do futuro... mas encurtarei quanto poder os dias da minha ausencia.

Ricardo Lopes retirando-se da sala, por não poder encarar sem raiva e sem desespero o seu competidor, fôra atraz de Marianna, demonstrar-lhe talvez a sua mágua.

— Já adivinhei um mysterio d'esta casa! — proferiu elle, choramingando.

— E que mysterio? — replicou Marianna.

— Os amores da sr.^a Julia.

— Pois vossa prima tem amores?

— Aquelle mancebo com quem está fallando... a sua conversa... não me nega o que eu já presenti.

— Enganaes-vos, Ricardo! — continuou a dama, sorrindo-se, para conjurar a mágua do rapaz, e mágua em que não acreditava, por não haver (ao menos assim o pensava, motivo para tal). — Fallam por conhecimento.

Ricardo apesar d'essas reflexões, continuava ainda lacrimoso e pensativo.

— Não choreis. É feio chorar-se n'essa idade... Eu e vosso pae temos pensado em vos juntar a ella.

— Mas é que talvez não dê — o sim.

Deixemos pois as lamentações de Ricardo, para nos oc-

cuparmos dos jovens, que ainda continuavam no amoroso dialogo que haviam travado.

Eram oito horas da tarde. Ernesto Rodrigues querendo despedir-se tambem de Marianna, ia retirar-se da sala com Virginia. Antes de o fazer, a boa creatura teve o cuidado de repetir-lhe a promessa, que lhe elle tinha feito.

— Lembra-vos a promessa que me fizestes?

— Lembra-me, porque me lembra o que prometto... o que tenho de cumprir, e a que o meu coração nunca foi deffectivel.

Ernesto despedira-se então de todos, entre os quaes abundara Ricardo que por cerimonia pronunciara algumas palavras, que não se perceberam.

.....

Na manhã do dia que se seguiu áquelle que tantos affectos extremosos havia produzido, o academico dando o ultimo adeus a alguns dos seus collegas e amigos, entre os quaes não faltara Guilherme de Sousa, montava a cavallo; e galopando pelo caminho, galgara 8 leguas em 7 horas. Ernesto avistara afinal a sua habitação, para a qual olhava d'espaco a espaco com saudade. Ao penetrar n'ella, encontrara primeiro sua mãe, que o esperava anciosa olhando-o e revendo-o dezenas de vezes.



XIV

Como os leitores sabem, Ernesto Pinto Rodrigues eclipsara-se para Coimbra. Deixemol-o pois na sua pequena terra, entretido em olhar a magestade da natureza e ouvir as conversas d'aquella rude gente, onde o vicio não se casa com o instincto.

Guilherme, na ausencia do seu amigo visitava amiudadas vezes Virginia, por quem começara a sentir um ateiado fogo amoroso. A casta menina, no principio, pareceu hesitar ás ambilidades, que elle lhe dirigia; assim mesmo esquiva, não desadorara nunca a nympha de seus sonhos, porque via n'ella representado o emblema da poesia.

Guilherme dedicara alguns momentos em vibrações na harpa divina do cantor; e a musa ficara-lhe inspirada de trovas, que elle consagraria á sacerdotiza de Venus.

Estavam já decorridos dous mezes e meio; Ernesto Rodrigues esquecido de tudo e de todos, não havia ainda escripto uma só carta. Como era de crer, Julia devia sentir bater-lhe ao coração em cada dia uma nova magua. O primeiro mez pasara-o ainda com vida e animação; mas depois! oh! depois, cada hora, cada momento lhe trazia uma nova dôr, uma nova afflicção, que quasi a atrophiaava.

Ricardo Lopes presencendo de mau grado a visita do seu rival, ducidira-se para a victoria, dizendo consigo mes-

mo, ou morrer ou ficar esmagado. Um dia Julia estava só na sala, costurando; elle tinha vindo da sua officina de relojoaria, onde estava aprender a arte, e foi sentar-se junto da bella creatura, que o olhou com a sua perspectiva natural. Ricardo ficara então triste, como nunca: a commoção era extrema; porém não pretendeu ainda mostrar o involucro da paixão. Olhava, mas tristemente, para a velocidade do ponto, que os finos dedos deixavam passado sobre a tela.

Julia adivinhando a magua de seu primo, fitara-o d'esta vez com um ligeiro sorriso, mas puro e cheio de sentimento. O sorriso em lugar de levar consolo, enterneceu ainda mais Ricardo, que por esforçado não havia ainda soltado lagrimas, tão susceptiveis de lhe sulcarem as faes.

Julia, terna sempre para com todos, como creatura innocente e candida, dizia-lhe para o consolar:

— Por que hoje estaes tão triste? Que vos doe?

— Não tenho nada — balbuciou Ricardo.

— Tens! tens!... é que não quereis revelar-me a vossa tristeza.

Ao demais sabia a graciosa creatura a dôr que se occultava no coração de seu primo, mas já não podia remediar esse mal: antes de se affectar d'elle, tinha-se affectado de Ernesto.

Voltemos ao ponto em que estavamos. Ricardo, na resposta, pôde comprehender-lhe o coração, e foi desde esse momento, que resolveu expressar todo o seu sentir.

— Quereis saber o que me afflige... o que ha de levar-me ao tumulo da minha morada eterna?... é não ser de vós correspondido no amor que vos havia consagrado. Reprimi sempre a idéa de declarar-vos a minha dôr, porque sei que amaes outro homem, que vos eucanta e attrae mais

que eu. Paciencia!... morrerei com essa paixão... Sois uma boa creatura! para que pretendi eu colher o vosso amor, sem o merecer?

E disse isto soffocado pelas lagrimas, que lhe corriam a uma e uma pelas palpebras.

Julia enchugára com um lenço as faces de seu primo; e dizia-lhe em tom afflictivo:

— Não choreis; as lagrimas ficam-vos mal. — Hei de ser sempre vossa amiga... Torturei-vos o coração, amando outro homem; mas não sou d'isso culpada. Antes de vos conhecer, conhecia Ernesto.

Haviam já decorrido tres mezes de descanso nos trabalhos univrsitarios. Ernesto entretido com affagos de sua mãe e com as puericias d'aldêa, não se lembrava de Julia, a quem tinha promettido brevidade na sua volta.

Um dia, aborrecido do lar domestico, saíra a meia legua de distancia, para se occupar no divertimento da caça. Fatigado, porém, de andar, sentou-se sobre a relva, encostado a um grosso e annoso plátano. Quasi dominado pelo somno, tirara d'um dos bolsos o lindo *album*, que Guilherme lhe offertara no Jardim. A palavra *album* dourada sobre o macio velludo da pequenina capa, fizera-lhe suspender a sua abertura. Batera algumas vezes com a mão sobre a testa, e veiu depois para casa triste e meditativo.

A mãe ao ver assim o filho, que era toda a sua consolação, fitara-o com espanto, como presentindo algum triste acontecimento.

— Porque estaes tão triste? Tendes hoje alguma cousa?

— São saudades de me achar ha tanto tempo ausente de Coimbra.

— Não vos entristeçaes: ides breve para lá.

D'ahi a tres dias Ernesto Rodrigues partia para Coim-

bra. Ao chegar á terra, que tanto almejava, depois de recordar-se d'aquelle anjo que tão inconsolavel deixára, alimentando-o apenas com a esperanza da sua breve volta, sentira n'uma das torres o dobre funereo dos sinos.

O espirito atormentava-o em convulsões; e elle, cheio de duvida e de estremecimento, queria caminhar, mas as pernas tropegas não o ajudavam. « Quem será a alma que se finou? » perguntava a si mesmo. Era junto á noite que elle caminhava. Do momento da sua duvida até avistar o prestito funebre, acompanhando o féretro, não decorreu muito tempo. Ao avistal-o, estacionou no mesmo sitio; — queria talvez ficar com a consciencia tranquilla e apagada de dúvidas.

O cadaver chegara finalmente em frente do joven; ia porém fechado. A sua curiosidade instigara-o então, mais que nunca, a perguntar o nome do finado ou finada. Ernesto em troca da sua pergunta ouviu proferir o nome de Marianna de Sousa. Um suor frio lhe percorrera as carnes; mas a sua dúvida continuava ainda como d'antes.

A morte de Marianna, a mãe da venusta creatura, tinha-se infelizmente realisado, succumbindo em pouco tempo ao flagello d'uma phtysica pulmonar.

Haviam passado dous dias de lucto, depois do enterro da finada. Ao terceiro, Ernesto teucionou ir visitar a inconsolavel joven.

Ricardo desde a morte de Marianna dormia em casa de seu mestre; e Julia, quando estava sósinha, desatava a chorar como louca: e muitas vezes privava-se de comer, talvez para finir mais depressa a sua existencia.

Ernesto, como ha pouco acabamos de mencionar, fizera tenção de ir ver a casta e pura menina, a quem tantas vezes fizera regar o chão com lagrimas.

Quando Ernesto penetrou na habitação da donzella, estava ella posta a chorar. Escutou por momentos, ao sentir uns gemidos quasi apagados, que saíam de dentro d'esse quarto, e bateu depois. Julia não esperou nem mais um minuto para abrir a porta. Ao ver o mancebo não sei como de alegre ficou aquella alma tão enternecida: transportou-se sonhando a um Eden formoso.

— Tenho-vos feito chorar muito, não é assim? — proferiu tristemente o joven.

— Pois já contava em não ver-vos mais...

— Faltei ao que vos prometti! era digno de vós me encarardes com o mais profundo desprezo.

— Que dizeis, sr. Ernesto! — interrompeu a orphã. — Acreditaveis que o fizesse?

— Não, não, menina! Mas em tal caso, era até um dever que a sociedade vos impunha.

— Ha que dias viesteis?...

— Ha tres.

— É verdade. . foi no dia da vossa chegada que deu o ultimo suspiro sobre a terra, aquella alma, que conheceis tão bem como eu.

— Viveis sosinha? — perguntou ainda.

— Não! não! Faz-me companhia a minha criada.

— Pois bem; vamos ao que vos prometti. — Sabeis qual o desenlace que o amor costuma ter?

Julia enxergando o seu amador, sorriu-se ainda que forçada; e disse-lhe depois: — É o matrimonio?

— Exactamente. — É esse o dever que pela minha honra jurei cumprir, se não me negaes a vossa mão.

Julia estendeu-lhe ligeiramente a mão direita.

Depois de tão longa entrevista, appareceu Ricardo, como por encanto. Julia ficara de novo afflicta. O joven ao olhar

para o seu adversario, cheio de raiva e de desespero, ia a sair, se a débil creatura não o segurasse.

— Porque ias já a sahir? perguntou-lhe docemente.

— Não queria interromper a vossa conversação.

Ricardo não se conteve; e como inflamado da sua ira, dirigiu-se a Ernesto, fallando-lhe com toda a força do seu pulmão: — A que vem o sr. aqui... a casa d'uma rapariga que vive só?..

— Não provoqueis desordem n'esta casa, Ricardo!... que ha de dizer a visinhança?... que não respeito a morte de minha mãe!

— Dizeis bem, sr.^a Julia. E que ha de dizer a visinhança vendo entrar um homem para casa d'uma menina, que vive só?!..

— Calae-vos pelo amor de Deus, Ricardo!... não fazeis mais que affligir-me.

— Pois não continuarei a fazel-o. E desapareceu subitamente, sem que d'esta vez sómente a donzella o podesse suster.

Ernesto ía despedir-se pouco depois; e Julia dizia-lhe antes da sua saída:

— Não façaes caso do que vos disse Ricardo: era o sangue que lhe pulava nas veias... Vindê ámanhã, no outro dia, quando quizerdes; mas peço-vos que não me deixeis estar aqui por muito tempo.

— Não levei a mal as palavras de Ricardo: é justo que não perdôe a quem tentar offender-vos. Quanto ao mais que me pedis, juro-vos pela minha honra e pela de meus paes, que não se ha de passar uma semana mais sem ser abençoado perante o altar o nosso amor.

E despediu-se com o coração terno e sensibilizado pelas palavras da virginal creatura.

XV

Um dia estava Ricardo trabalhando na fabrica, onde aprendia a arte de relojoeiro; lembrou-se de sua prima e do seu rival, e poz-se a choramingar.

— Que tens rapaz? — perguntou-lhe o mestre com voz arrogante.

— Não tenho nada — respondeu.

— Mas de que estaes assim tão perturbado?

— Oh! tenho o coração túrgido d'amargura e de odio!

— Odio! na vossa idade! Odio assenta mal na idade do amor.

— Odio e quero vingar-me!

— A quem odeiaes? — replicou o mestre

— A um homem que me pretende tirar aquella a quem tanto amava.

— Fazeis mal; talvez que seja mais digno d'ella que vós.

— Que me importa a mim que o seja! é minha prima! não devo eu amal-a?

— Ah! é vossa prima! E ereis correspondido n'esse amor?

— Nem tal pretendia, senhor. Tão acima de mim está ella, pela sua belleza e pelas suas raras prendas, que eu a adorava do fundo do coração, como a uma divindade, de quem mal me atrevia a beijar as plantas.

— E pretendeis ainda assassinal-o?

- Assassinal-o !
- Sim !.. não dissestes que querieis vingar-vos ?
- Decerto ! batendo-me com elle em um duello.
- E tereis coragem para o fazer ?
- Nunca serei cobarde para quem tentar aggre-dir-me ; e n'estes pulsos ainda vigora alguma força.

.....

Os leitores estarão ainda lembrados de que Ernesto amara outr'ora Virginia, e do quanto essa candida e vivaz creatura se apaixonara pelo academico. Como ella ficou, ao sentir, bater-lhe no peito o desengano da sua ventura ! ao ver assim desfolhadas todas as flores do seu futuro ! e perdidos, para nunca mais voltarem, os sorrisos consoladores ! A pallidez ia desvanecendo-lhe a formosura, até que a final sentiu fallecerem-lhe as forças, e cair prostrada sobre o chão. Um dia a mãe poz-se a chorar junto ao leito de Virginia, dizendo-lhe:—Para que nos has de affligir tanto, occultando a vossa dôr ?

— Oh ! ma-mã ! não chore, não ? Não vos disse ainda o mal que me affectava ?.. Sabeis o amor que de pequenina consagrara a Ernesto, e em que tanto acreditei ? agora ver que me esqueceu para se ir juntar a outra creatura !...

— Ora... mas talvez isso não seja assim !

— Pois não será... mas eu noto-lhe indifferença, quando me encara.

Ao tempo que se passava esta scena, a união de Ernesto a Julia ainda não se havia effectuado.

O joven academico resolvera ir visitar Virginia, cuja pallidez mettia dô e fazia entristecer a quem lhe conhecera antes um rosto tão rosado e gentil. Ernesto Rodrigues encostando-se sobre uma cadeira, cruzava as mãos sobre o travesseiro da cama de Virginia.

— Porque soffreis tanto? — perguntou-lhe docemenete Ernesto.

— Nem eu o sei—atalhou ella devagarinho. — Sinto-me impressionada, magoada, afflicta!

— Dizei-me... dizei-me a dôr que vos palpita no coração.

— Não queiraes soffrer comigo: as minhas palavras iriam affligir-vos tanto... tanto!

— Paciencia. Custar-me-ha menos a soffrer essa dôr, que a ir-me embora, sem saber o que pretendia.

— O vosso amor, sr. Ernesto... aquelle amor que me tinheis d'antes!... esquecestel-o no coração! Mas sei que o consagraes a outra creatura, que vos attrae com doces enleios.

O mancebo desmaiara depois do que acabava d'ouvir. Como poderia elle negar o que Virginia lhe dizia? Em que contracções nervosas sentia dominado o corpo!

— Não disse eu, que as minhas palavras iriam affligir-vos?

— Mas como sabeis que amo outra creatura?

— É que... não quero dizer. Confessae-me antes que amaes outra mulher, ou antes algum anjo, que não hei de aborrecer-vos tam pouco.



XVI

Aproximara-se o dia em que devia celebrar-se o consorcio d'Ernesto e Julia. Na vespera, dous dias depois d'aquelle em que visitara Virginia, Ernesto sentia-se acommettido de fortes accessos de febre. O seu destino era fatal: não lhe passava da mente a paixão da donzella, e o desespero de Ricardo; e apertado por estas duas idéas, projectara, ou suicidar-se, ou desaparecer da terra, para não voltar a ella mais. Foi este ultimo projecto que lhe dominara a mente; e na ante-vespera do dia em que devia celebrar-se a sua união, partia encubertamente para a terra.

Ernesto tinha já mobilada a casa da pobre orphã: estava uma casinha vistosamente ornada. Julia sorria ás vezes, ao lembrar-se da metarmophose que havia tido a sua habitação; olhava com prazer para a symetria dos moveis, mas sempre passando ligeiramente a agulha pela téla dos vestidos, destinados ao seu enxoval.

Como ha pouco dissemos, Ernesto desaparecera na ante-vespera do dia em que deviam celebrar-se as nupcias projectadas. Depois da ante-vespera, seguiu-se a vespera; procurou-se em toda a cidade o mancebo, mas não apparecia. Julia recebia n'esse dia uma carta, que elle tivera o cuidado d'enviar-lhe antes da sua partida. A sua leitura

fazia lagrimejar os olhos menos costumados a chorar: melancholia! paixão! tudo alli se exprimia. Eis a carta que Ernesto laconicamente traçara:

« Meu anjo. — A dôr que a esta hora vai contrahir-vos os nervos, sei-a eu, porque adivinho o vosso coração, pois me parece sentil-o junto ao meu. Se soubesseis tambem o que eu soffro! oh! que a bondade do vosso coração não lhe resistiria. Parti para a minha terra! a ninguem mais revelei este segredo: só fica entre mim e vós. Resignae-vos com a sorte infeliz que o Creador nos destinou; tende confiança em mim. Não choreis, não demonstrei a vossa dôr: em breve será realisada a nossa alliança. — Coimbra 6 de Março de 18.. — *Ernesto Pinto Rodrigues.* »

Imaginem os leitores, como as lagrimas humedeceriam as faces da donzella! N'esse dia, em que se levantara com o sorriso nos labios! n'essa manhã em que via florir as mesmas bellas flores do seu futuro!

No dia que precedeu aquelle em que Julia recebera a carta, partia ella para a terra d'Ernesto. Á custa de enormes sacrificios conseguira chegar lá; perguntára a morada do mancebo, e ao indicarem-lh'a, batia sobre a escada. Apparecera-lhe lacrimosa a mãe do academico.

— Que quereis? — perguntou-lhe ella.

— Ernesto? — Queria ver Ernesto! Dizei-lhe que é Julia que o procura.

— Ah! sois vós! — exclamou de novo, abraçando-a. — Vinde vel-o. Não falla senão em vós.

Julia chegara junto ao leito d'Ernesto que de vez em quando soltava uns gemidos quasi apagados. Elle levantára os olhos para fitar a donzella que não conheceu aos primeiros olhares, depois estendeu-lhe a mão, que ella beijára, regando-a com lagrimas.

A doença d'Ernesto era já incuravel: era impossivel que a medicina o fizesse levantar d'alli, a não ser para a morada eterna dos justos.

Esforçara-se emfim por fazer ouvir a sua voz, e dizia devagarinho á infeliz creatura: — « Já me não tornarei a levantar d'aqui... Uni-vos a Ricardo; e vinde viver ambos para junto de minha mãe. »

Que dôres trespassavam o coração de Julia! Eram como setas disparadas do pulso do melhor besteiro.

D'ahi a dous dias Ernesto Rodrigues dava o ultimo suspiro sobre a terra, apertando a mão da orphã, e de sua mãe. Antes de suspirar, proferira quasi imperceptivelmente estas palavras: « Não vos esqueçaes do que eu disse. »

Ricardo fôra chamado; e alguns dias depois da morte d'Ernesto, oravam todos tres n'uma igreja pela alma do finado.

Julia, passadas mais algumas semanas, unira-se a Ricardo, cumprindo assim a determinação que Ernesto Rodrigues lhe havia declarado. E continuaram vivendo as tres creaturas na união mais fraterna, até que o sol ao despontar no seu ocaso virasse o negrume da atmosfera.

FIM



